

Thompson *versus* Althusser*

PEDRO BENÍTEZ MARTÍN**

Em 1978, Thompson publicou *The Poverty of Theory* [Miséria da teoria], a crítica antialthusseriana mais dura e violenta jamais lançada. Sua conclusão é inequívoca:

Para mim hoje está claro, a partir do meu exame do althusserismo [...], que já não podemos seguir atribuindo nenhum significado teórico à ideia de uma tradição comum. Pois o abismo que se abriu separa [...] modos de pensamento idealista e materialista, um marxismo como clausura e como uma tradição, derivada de Marx, de investigação e críticas abertas. O primeiro é uma tradição de teologia. O segundo é uma tradição de razão ativa. [...] Por conseguinte, devo afirmar sem nenhum equívoco que não posso seguir falando de uma única tradição marxista comum. Há duas tradições [...] cuja declaração final de antagonismo irreconciliável foi retardada – como acontecimento histórico – até 1956. A partir desta data em diante foi necessário, tanto na política como no campo da teoria, declarar lealdade a uma ou a outra. Entre a teologia e a razão não cabe nenhum espaço para negociar. O comunismo libertário, assim como o movimento socialista e operário no geral, não pode ter nenhum trato com a prática teórica, salvo para desmascará-la e expulsá-la.¹ (Thompson, 1981, p.289-290)

* Título original: “Thompson versus Althusser”. Tradução: Elaine R. A. Amorim.

** Professor de Ciência Política da Universidade de Murcia, Espanha.

1 Optamos por traduzir as citações com base na versão apresentada pelo autor, por isso, ao cotejá-las com as edições brasileiras das respectivas obras mencionadas, o leitor observará algumas diferenças formais (N.T.).

Trata-se claramente de uma declaração de guerra, mas que está datada, e nesse ponto perde força seu ataque demolidor, de 1978; isto é, uma vez que teve lugar o que Negri denominou a *Kehre* althusseriana (Negri, 1993, p.83).² Pouco importa que o próprio Althusser tivesse já feito sua autocrítica e que suas teses da época nada tivessem que ver com as defendidas em *Lire le capital*. Nem sequer a publicação de *Ce qui ne peut plus durer dans le parti communiste*, na opinião de Perry Anderson, “o texto de oposição mais violento jamais escrito dentro de um partido em toda a história do pós-guerra do comunismo ocidental” (Anderson, 1985, p.126), foi suficiente para que Thompson introduzisse no epílogo de *Miséria da teoria* algum matiz em suas críticas. Ao contrário, Thompson mostrou-se implacável: “não há uma só frase de *Miséria da teoria* da qual desejo me retratar” (Thompson, 1981, p.302).

Este ensaio, que “os estudantes aperta[vam] contra os seus corações” (Hall, 1984, p.277), conduziu a polêmica já existente entre historiadores britânicos “aos mais baixos níveis da Guerra Fria” (Stedman Jones, 1983, p.189). Mas não se tratava da polêmica Thompson-Althusser. Não só porque, como pretendia Thompson, sua preocupação era com “a influência do pensamento althusseriano transposto para fora da França” (Thompson, 1981, p.299-300); senão porque o que Thompson apresentava na sua obra era uma grosseira caricatura de Althusser. Porém, pelo menos, Thompson teve a decência intelectual de ler – equivocadamente – a Althusser, o que nem sempre ocorreu entre seus partidários, para os quais a autoridade de Thompson era suficiente para julgar e condenar a todo aquele sobre o qual se lançasse a acusação de althusseriano. No nosso país,³ onde tudo se reduziu à apresentação da polêmica na Grã-Bretanha, ocorreu um pouco o mesmo. Tal era a ascendência do brilhante historiador e incansável militante pelas liberdades, E. P. Thompson.

Recordemos que Althusser recusou o oferecimento que Perry Anderson lhe fez para responder a Thompson, limitando-se a reconhecer “o caráter excessivamente sumário (e portanto unilateral) dos poucos parágrafos dedicados à ‘história’ no contexto polêmico de *Lire le capital*”.⁴ Mas, para que intervir? A “prática teórica”, conceito em cuja crítica repousa, em última instância, o duríssimo ataque de Thompson, já havia sido recusada pelo próprio Althusser. Já em 1966, Althusser reconheceu que “a ênfase colocada [...] sobre a especificidade da prática teórica [...] induziu a um efeito de elisão [...]: a questão do conhecimento empírico” (Althusser, [1966] 1995, p.407-408). Porém a sua autocrítica vai mais longe, questionando justamente o que a prática teórica tinha a contribuir: A filosofia marxista só é possível sob a condição de recusar este papel de garantia (Althusser, 1967). Em 1978, o melhor crítico de Althusser é Althusser mesmo:

2 Lembremos que sua intervenção de Veneza data de novembro de 1977. Cf. Negri, T. “La crisis del marxismo”. *El Viejo Topo*, n.17, febrero 1978, p.34-35.

3 Referência à Espanha. (N.T.)

4 Althusser, Louis. Carta del 28/3/1978 a la *New Left Review*. C.f. Elliot, *Althusser: The Detour of Theory*, p.4n.

Eu vejo claro como o dia que isto que fiz há quinze anos foi fabricar uma pequena *justificação* bem francesa, baseada em um racionalismo muito nosso,⁵ nutrido de algumas referências (Cavaillès, Bachelard, Canguilhem, e por detrás deles um pouco da tradição Spinoza-Hegel), com a pretensão de o marxismo (o materialismo histórico) apresentar-se como ciência. O que se encontra finalmente (encontrava-se, pois desde então eu mudei um pouco) na boa tradição de toda empresa filosófica como garantia e fiança.⁶ (Althusser, 1993, p.7)

Para denunciar a ideia de que:

a teoria marxista possui em si mesma e por antecipação, sob forma teórica, a verdade de tudo o que pode se apresentar ao mundo sob a forma do “concreto” [...], isso quer dizer que ela não é uma teoria “de caráter científico” ou “operatório” (pouco importa a palavra), mas uma filosofia absoluta, que sabe tudo, *absolutamente tudo por antecipado*, já que ela é a “ciência dos primeiros e últimos princípios”, conforme uma fórmula de Aristóteles, que diz perfeitamente o que ela quer dizer.⁷ (Althusser, 1978, p.26)

Isso não significa, naturalmente, que a crítica de Thompson a Althusser carecesse de sentido; exatamente o contrário. Ele se equivocava, não obstante, ao centrar a crítica naquilo que Althusser já havia rejeitado, impedindo, com isso, situar a polêmica, certamente necessária, em um terreno real. Os alvos definidos por Thompson são muitos, a maioria acertados, e convém, por isso, mantê-los à margem da ideia de que seu desenvolvimento seja muitas vezes equivocado. Vou me deter em três aspectos que considero capitais: o problema do conhecimento e, muito particularmente, do conhecimento histórico; o problema do materialismo histórico, portanto; e, finalmente, na tese que acredito que foi a mais incompreendida das teses de Althusser, a questão do chamado “anti-humanismo teórico”.

A questão da teoria

No que diz respeito à epistemologia, não vou me deter na crítica da prática teórica, visto que a crítica a ela foi realizada por numerosos autores,⁸ incluindo, como já disse, o próprio Althusser. Permanecem, no entanto, algumas questões pendentes, como o reconhecimento do papel positivo que a definição de “prática teórica” desempenhou quando foi formulada (por exemplo, ao definir uma

5 Em francês: “dans un bon petit rationalisme”.

6 Cotejamos essa e a citação seguinte, originalmente em francês, com a sua tradução em espanhol feita pelo próprio autor em: *La formación de un francotirador solitario*. Lecturas filosóficas de Louis Althusser. Zaragoza: Pressas Universitárias de Zaragoza, 2007, p.205-206. (N.T.)

7 Precisamente, Thompson qualificava Althusser como “o Aristóteles do novo idealismo marxista” (Thompson, 1981, p.14).

8 Possivelmente a crítica de Adolfo Sánchez Vázquez constitua, ao menos em castelhano, uma das melhores críticas realizadas (Sánchez Vázquez, 1978).

“outra” instância, diferente do Comitê Central do Partido),⁹ ou a presença, sob um conceito errôneo, de problemas reais que Thompson passou totalmente por alto. Refiro-me à reivindicação da teoria como atividade específica que requer, portanto, algumas ferramentas, conceituais, que não procedem, nem podem nunca proceder, da evidência empírica. Nesse sentido, Althusser reivindicava diante do empirismo o caráter ativo do conhecimento com termos que nos lembram o Marx das *Teses sobre Feuerbach*.

Thompson critica Althusser porque menospreza os dados empíricos; e, sem dúvida, referindo-se a *Pour Marx e Lire le capital*, ele tem razão. Frente a isso, e como forma de combater qualquer extravagância intelectual, Thompson defende que “sejam as fontes as que comecem a dirigir” (1974, p.74); mas, no seu combate contra Althusser, ele aproxima-se muito do empirismo ao sustentar que:

este ou aquele outro texto morto, inerte, de um determinado documento não é em absoluto “inaudível”; tem por si mesmo uma ensurdecadora vitalidade; trata-se de vezes que irrompem com clamor desde o passado, afirmando suas próprias mensagens, expondo à luz o seu próprio autoconhecimento como conhecimento. (Thompson, 1981, p.37)

Assim, os dados empíricos “dão testemunho de um processo histórico real”, a ponto de um fato qualquer, por exemplo, “o rei Equis morreu em 1100 d.C.”, nos oferecer por si mesmo “as relações de dominação e subordinação, as funções e o papel da instituição, o carisma e os atributos mágicos ligados a esse papel etc.” (Thompson, 1981, p.37 e 51). Thompson se equivoca. Como sustentou o historiador Julián Casanova, formado na tradição britânica e pouco suspeito de althusserismo, “o historiador [...] não investiga sobre o passado senão sobre os resíduos duradouros do passado e, como sabe, nem todos esses resíduos – documentos ou fontes – são igualmente valiosos”; o historiador deve, portanto, escolher, além disso, “construir” os problemas históricos e, nesse sentido, parece claro que “em relação aos fenômenos sociais resulta difícil negar que as teorias guiam a descrição dessa realidade e que a verdade ou a falsidade das teorias não podem ser determinadas somente pela evidência empírica, já que a mesma linguagem utilizada está carregada de teorização” (Casanova, 1991, p.154 e 156). O próprio Thompson, sem dúvida um magnífico historiador, sabe que:

os fatos não revelarão nada espontaneamente, é o historiador quem tem que trabalhar arduamente para lhes permitir que encontrem “suas próprias vozes”. Atenção: não a voz do historiador, mas sim *suas próprias vozes*, ainda que o que sejam

9 Algo que foi compreendido, por exemplo, pelo pouco althusseriano Mark Poster, que compara nesse ponto Althusser com Sartre. Cf. Poster, M.: *Existential Marxism in Postwar France*. Princeton University Press, 1975, p.341-342.

capazes de “dizer” e parte do seu vocabulário seja determinado pelas perguntas que o historiador formule. Os fatos não podem “falar” até que lhes “pergunte”. (Thompson, 1981, p.55)

Mas esse implícito reconhecimento da teoria, do necessário “diálogo entre conceito e dado empírico”, é novamente questionado quando os conceitos são concebidos com “grande elasticidade” e muitas “irregularidades”¹⁰ (Thompson, 1981, p.67 e 78).

José A. Piqueras, na sua intervenção no I Congresso da Associação de História Social, celebrado em Zaragoza em 1990, advertia sobre “uma historiografia formalmente distanciada do empirismo absoluto, mas que na verdade nega a teoria”. Piqueras falava, desse modo, de um processo de “desteorização” caracterizado pela: 1) “determinação da pesquisa pelo método indagatório”; 2) “renúncia a um marco teórico das sociedades e pela prévia identificação deste com uma história ideologizada”; e 3) “relativização das categorias” (Piqueras, 1991, p.92).

Não seria difícil encontrar em Thompson duas dessas três características. Vimos como Thompson assume a terceira delas sem problema algum; o mesmo ocorre com a segunda. Entramos no segundo dos problemas definidos, o do materialismo histórico.

O materialismo histórico

Não cabe dúvida de que a preocupação de Thompson em considerar o ser humano em toda a sua realidade é louvável. Em *Miséria da teoria*, frente ao reducionismo que Althusser supostamente pratica, Thompson coloca como exemplo uma mulher que:

é a “esposa” de um homem, a “amante” de outro homem, a “mãe” de três filhos em idade escolar. É uma operária da confecção, e “delegada de ateliê”, é “tesoureira” na seção local do partido trabalhista e às quintas-feiras pela tarde é a “segunda violinista” em uma orquestra de amadores. É de constituição forte (como deve ser), mas tem uma disposição ligeiramente neurótica depressiva. Também pertence – quase me esqueço disso – à Igreja anglicana e toma ocasionalmente a “comunhão”. (Thompson, 1981, p.231)

Parece claro. Desde Marx sabemos que o concreto “é síntese de múltiplas determinações”; de fato, “só podemos descrever o processo social – como de-

¹⁰ Thompson sempre definiu alguns alvos muito precisos, especialmente o economicismo e, em geral, a versão escolástica do marxismo, produzindo, assim, uma obra que teve a virtude de revolucionar a historiografia marxista. Não obstante, o excesso de zelo no seu combate o desorientou em ocasiões, sendo de fato possível encontrar na sua obra dois discursos realmente distintos e distantes, de costas um para o outro. Tratei de abordar este problema no livro *E.P. Thompson y la historia. Un compromiso ético y político*. Madrid: Editorial Talasa, 1996.

monstrou Marx em *O 18 brumário* – escrevendo história. E, ainda assim, podemos acabar tendo somente o relato de um processo concreto e um relato seletivo do mesmo” (Thompson, 1994, p.52). O problema é que esta reivindicação da história é, em Thompson, a justificação da recusa de todo modelo, já que, por definição, os modelos excluem os atributos humanos (Thompson, 1994); assim como do conceito “determinação” que, conforme Thompson pensa, implica implicitamente a ideia de que o “outro”, o determinado, é menos real (Thompson, 1981, p.244). Compreendemos por isso que, para Thompson, a recusa à “radicalmente defeituosa” metáfora da base e da superestrutura seja uma questão de princípios, pois “tem a tendência congênita de conduzir nossa mente para o reducionismo ou para um determinismo econômico vulgar” (Thompson, 1989, p.97-98) (isso não impediu seu colega Hobsbawm de ver no prefácio de 1859 “a mais completa formulação” da concepção materialista da história (Hobsbawm, 1984, p.43)). Desse modo, o conceito “determinação”, certamente concebido como “crucial” (Thompson, 1981, p.244), se desvanece nas mãos de Thompson, que não se atém aos fatos nem sequer à definição por ele aceita que Raymond Williams ofereceu (“a fixação de limites” e “o exercício de pressões” (Williams, 1980, p.107)). Sem dúvida, o capítulo 6 de *A formação da classe operária na Inglaterra*, quanto aos demais, uma excelente obra, é exemplar para compreendê-lo: nem uma única vez, no capítulo mais estrutural de sua obra, que significativamente tem como título “Exploração”, é mencionado o conceito que define a exploração capitalista: “mais-valia”.

Althusser não recusa o uso das metáforas, que considera útil, ainda que compartilhe com Thompson a ideia da complexidade e riqueza da história,¹¹ assumindo, portanto, as limitações das mesmas. E, referindo-se à metáfora da base e da superestrutura, deveríamos reconhecer que é, literalmente, subvertida.¹² Assim, ainda que reconheça a determinação (em última instância) da base econômica, confere no interior desta o papel determinante às relações de produção, nas quais a luta de classes está absolutamente presente. Além disso, Althusser introduz dois conceitos, que, implicitamente, guiaram a prática historiográfica dos historiadores marxistas, incluindo o próprio Thompson, e que destacam tanto a complexidade constitutiva de toda “formação social” (digamos de passagem que até Thompson deve ter utilizado este conceito nunca antes utilizado, exceto por Marx, até que Althusser o resgatasse) como o caráter igualmente “real” de todas as instâncias, independentemente de a qual delas nos referimos. Refiro-me aos conceitos “sobredeterminação” que, tomado da psicanálise, significa a existência

11 “A tarefa da história que, assim como ocorre com outra ciência, é aprofundar obrigatoriamente suas próprias teorias para adaptá-las incessantemente a uma realidade inesgotável que a precede e a ultrapassa sempre”. Cf. Althusser (1967, p.15), inédito de 26 páginas, redigido em meados dos anos de 1950. Encontra-se no IMEC.

12 De alguma maneira isso já era perfectível no seu *Petit Montesquieu*, especialmente quando faz uma analogia entre o tipo de relação que se estabelece entre a base e a superestrutura e entre a “natureza” e o “princípio” de Montesquieu.

de uma determinação múltipla, e “autonomia relativa”. Já Stuart Hall assinalou que “contradição e sobredeterminação” constituem “um ensaio germinativo na teoria marxista sobre o crítico assunto de como pensar no problema da determinação de uma forma que não seja reducionista” (Hall, 1984, p.280); por sua parte, Ralph Miliband (1984, p.123) concede um indubitável mérito ao conceito “autonomia relativa”, que Thompson pretendia ignorar no mesmo momento em que o reconhecia como verdadeiro ponto de partida de suas pesquisas (Thompson, 1981, p.157). Se a isso acrescentamos que “nem no primeiro nem no último instante, jamais soa a hora solitária da ‘última instância’” (Althusser, 1983, p.93) compreenderemos perfeitamente onde reside o insultante reducionismo e economicismo de Althusser.

Althusser, devemos dizer, mostrou-se muito mais certo que Thompson, o qual, incapaz de aceitar o mínimo aroma determinista, deve voltar atrás até naquilo que explicitamente havia assumido. O exemplo da mulher citado antes é, nos fatos, violentamente rejeitado:

Hoje os estruturalismos monopolizam esta área por todos os lados; estamos *estruturados* por relações sociais, *falados* por estruturas linguísticas previamente dadas, *pensados* por ideologias, *sonhados* por mitos, *sexuados* por normas sexuais patriarcais, *ligados* por obrigações afetivas, *instruídos* por mentalidades e *representados* pelo roteiro da História. Nenhuma destas ideias é, na sua origem, absurda, e algumas têm por base certos progressos substanciais do conhecimento. Mas todas elas, ao alcançar certo ponto, passam de ter sentido a não tê-lo, e somadas conduzem ao mesmo ponto terminal: a não liberdade. (Thompson, 1981, p.235)

Adentramos no terceiro dos problemas apontados: o anti-humanismo teórico.

O anti-humanismo teórico

Thompson, preocupado em sua obra historiográfica em não ceder nenhum terreno ao economicismo, orienta-se ocasionalmente ao que seus críticos denominaram “culturalismo” (Johnson, 1983, p.52 e 85). Efetivamente, a cultura (entendida no sentido anglo-saxão do termo) ocupa um lugar de primeira ordem na sua obra e, junto a ela, a difícil categoria de experiência. Nesse ponto há um desliz que poderíamos chamar “moralismo”, cuja presença observamos, por exemplo, no tratamento da exploração em termos de experiência “vívida”, como sentimento, e não como exploração econômica.

Não se trata de questionar o papel da moral na história, pois, como sustenta Thompson, “os homens e as mulheres argumentam em torno de valores, escolhem entre uns e outros valores” (Thompson, 1981, p.269). Assumo completamente por isso a diferença que Kate Soper estabelece entre “moralidade” e “moralismo”,¹³

13 Moralidade: “conceder importância e validade aos julgamentos e valores morais”. Moralismo: “acreditar que adotar alguns valores morais é suficiente por si mesmo”. Cf. Soper (1987, p.103).

mas quando a moral passa a ser “o agente básico da mudança social” (Thompson, 1988, p.662) e Thompson identifica toda “determinação” com a ausência de liberdade, por conseguinte, com a impossibilidade do exercício moral, ele cai realmente do lado do moralismo. Thompson, brilhante historiador, é incapaz de distinguir, como muito pertinentemente fez E. H. Carr, entre as ordens histórica e moral. Daí o desespero e o tormento que lhe ocasiona a leitura de Althusser: “Fazem-nos renunciar à ação humana, à criatividade, inclusive o nosso próprio eu!” (Thompson, 1981, p.169).

O humanismo e o moralismo de Thompson exigem a absoluta recusa da categoria althusseriana “processo sem sujeito” (nem fins) que, com extraordinária rapidez, Thompson identifica com o stalinismo. Althusser, segundo Thompson, havia cometido o pecado imperdoável de negar a ação humana.

Isso é verdade? Em absoluto. Althusser insistiu como nenhum outro no papel que a ideologia desempenha na história, sendo esta, e não a teoria, a que guia a ação dos homens; e na *Réponse à John Lewis* expôs em termos inequívocos que é o ser humano, e ninguém mais, quem atua na história; mas isso não o converte em sujeito da história, isto é, sujeito livre de determinações. Thompson sabe, como historiador, que “o abandono dos planos da mera crônica ou da simples interpretação e o acesso a um nível propriamente científico de uma explicação, supõe se comprometer de alguma maneira com a questão do caráter determinado do processo histórico” (Pereyra, 1979, p.167). Já V. Kierman – outro brilhante membro da tradição a que pertence Thompson – advertiu sobre a necessidade de “ser cautelosos e não escorregarmos para a ‘teoria dos fatores’, ridicularizada há muitos anos por Plejanov, a redução da história a um caleidoscópio de variáveis independentes” (Kierman, 1987, p.197). Assim, ao abordar o problema do sujeito na história, é necessário distinguir entre duas questões que aparecem entrelaçadas: “a) identificar os agentes (entes ativos) do processo, e b) reconhecer o ‘lugar’ onde se localizam os princípios determinantes do movimento social” (Pereyra, 1984, p.31). É este, e não outro, o significado exato do famoso “anti-humanismo” (teórico) althusseriano. Não se trata de negar a ação humana, senão de fazê-la inteligível; e isso exige esquecer o homem como ponto de partida da análise histórica. Podemos realmente entender o caso Stalin tomando como ponto de partida a Stalin mesmo ou, pelo contrário, o caso só é compreensível mostrando “como a luta de classes criou na [União Soviética] as circunstâncias e as condições que permitiram a um personagem medíocre e grotesco representar o papel de [deus]”?¹⁴ Essa questão, e não justificar o PCF, ou a Stalin, ou a teoria das duas ciências, foi a preocupação de Althusser desde... os anos cinquenta!¹⁵

14 Peço desculpas por parafrasear Marx (1977, p.6).

15 Podem ser lidos, por exemplo, “*Rapport de la Cellule ENS-Langevin (Personnel)*” ou “*Remarques et suggestions sur les problèmes de la lutte idéologique chez les intellectuels*”, que são textos inéditos, redigidos nos anos 1954 e 1995, respectivamente, nos quais o autor defende teses muito semelhantes, em alguns aspectos, às que defenderá publicamente em 1978.

Mas Thompson, ainda consciente do beco sem saída no qual se encontrava, insiste: “‘Não sou uma COISA!’ e, portanto, qualquer que seja a nossa conclusão na polêmica sem fim entre predeterminação e livre arbítrio [...] é sumamente importante que *pensemos* que nós somos ‘livres’” (Thompson, 1981, p.234).

Um último apontamento a propósito do anti-humanismo teórico. Thompson, como a maioria dos críticos de Althusser, atribui este anti-humanismo à filiação estruturalista de Althusser. Erro crasso. O anti-humanismo althusseriano é anterior ao seu “flerte” estruturalista e foi obtido durante os anos de formação, nos quais, por três vias diferentes e consecutivas (Hegel, Feuerbach e a filosofia política francesa do século XVIII), Althusser teve acesso a Marx, passando primeiro do cristianismo ao humanismo e, posteriormente, pela mediação de, sobretudo Helvétius, à fundamentação do que mais tarde definiria como anti-humanismo. Mas, um paradoxo? Toda a teoria de Helvétius sobre o homem repousa nessa categoria escorregadia tão querida por Thompson que é a experiência.¹⁶

Concluamos. Faz já vinte anos (Benítez, 1994, p.19-23) que sustentei que entre os discursos de Thompson e Althusser era possível o diálogo; que, em que pesem as aparências, não existia antagonismo entre ambos. Sigo pensando o mesmo. Bastaria situar ambos os discursos na conjuntura particular na qual surgiram e prestar mais atenção à definição dos alvos que aos excessos cometidos. É possível, certamente, que em um ponto concreto (o do humanismo) não exista compromisso teórico possível. Isso, contudo, não deveria impedir que, desde ambos os discursos, unam-se, na prática, forças nas batalhas que, sem dúvida, terão que afrontar.

Referências bibliográficas

- ALTHUSSER, L. Note sur la théorie marxiste de l’histoire. jul. 1967, inédito. Archivos IMEC.
- _____. Que faire?. 1978. Inédito.
- _____. Contradicción y sobredeterminación. In: ALTHUSSER, L. *La revolución teórica de Marx*. 20.ed. México: Siglo XXI, 1983.
- _____. “Lettre à Merab” del 16/1/78. *Futur antérieur Sur Althusser Passages*. Paris, 1993, p.7.
- _____. Conjoncture philosophique et recherche théorique marxiste (26 de junio de 1966). *Écrits philosophiques et politique II*. STOCK/IMEC, Paris, 1995, p.407-408.
- ANDERSON, P. *Teoría, política e historia*. Un debate con E.P. Thompson. Madrid: Siglo XXI, 1985.
- BENÍTEZ, P. En torno a la polémica Thompson-Althusser (apuntes para una revisión). *Riff-Raff*, n.3, primavera, 1994.
- CARR, E. H.: *¿Qué es la historia?* Barcelona: Planeta-Agostini, 1985.
- CASANOVA, J. *La historia social y los historiadores*. Barcelona: Crítica, 1991.
- ELLIOT. *Althusser: The Detour of Theory*. London-New-York: Verso, 1987.
- GARCÍA BONAFÉ, M. (Org.) *Hacia una historia socialista*. Barcelona: Serbal, 1983.

16 Isso abordei em *Genealogía del althusserismo*. Lecturas filosóficas de Louis Althusser: 1945-1965. (no prelo).

- HALL, S. En defensa de la teoría. In: SAMUEL, R. (Ed.). *Historia popular y teoría socialista*. Barcelona: Crítica, 1984.
- HOBSBAWM, E. Marx and History. *New Left Review*, n.143, enero-febrero 1984.
- JOHNSON, R. Edward Thompson, Eugene Genovese, y la historia socialista-humanista. In: ARACIL R.; KIERMAN, V. Problems of Marxist History. *New Left Review*, n.161, enero-febrero, 1987.
- MARX, K. *El 18 brumario de Luis Bonaparte*. 3.ed. Barcelona: Ariel, 1977.
- MILIBAND, R. Poder estatal e intereses de clase. *Zona Abierta*, 30, enero-marzo, 1984.
- NEGRI, T. Pour Althusser. Notes sur l'évolution de la pensée du dernier Althusser. *Futur antérieur. Sur Althusser. Passages*, 1993.
- PEREYRA, C. El determinismo histórico. *En Teoría*, n.3, 1979.
- _____. *El sujeto de la historia*. Madrid: Alianza editorial, 1984.
- PIQUERAS, J.A. El abuso del método, un asalto a la teoría. In: SANTIAGO, C. (Coord.). *La historia social en España. Actualidad y perspectivas*. Madrid: Siglo XXI, 1991.
- SÁNCHEZ VÁZQUEZ, A. *Ciencia y revolución (el marxismo de Althusser)*. Madrid: Alianza Editorial, 1978.
- SOPER, K. Marxism and Morality. *New Left Review*, n.163, mayo-junio 1987.
- STEDMAN JONES, G. Historia y teoría. In: ARACIL R.; GARCÍA BONAFÉ, M. *Hacia una historia socialista*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1983.
- THOMPSON, E. P. Conversa amb E.P. Thompson: Sobre història, socialisme, lluita de classes i pau. *L'Avenç*, n.74, septiembre 1974.
- _____. *Miseria de la teoría*. Barcelona: Crítica, 1981.
- _____. *William Morris*. De romántico a revolucionario. Valencia: Alfons el Magnànim, 1988.
- _____. Folklore, antropología e historia social. *Historia Social*, n.3 invierno, 1989.
- _____. Las peculiaridades de lo inglés. *Historia Social*, n.8, invierno 1994.
- WILLIAMS, R. *Marxismo y literatura*. Barcelona: Península, 1980.

Resumo

O artigo analisa as principais linhas da crítica lançada por Thompson às posições de Althusser e mostra como a causa dessa crítica tem de ser buscada em um profundo mal-entendido acerca do que realmente este autor estava afirmando. O artigo, além disso, insiste que se for superado esse mal-entendido, não há (salvo na questão do anti-humanismo teórico) contradição real entre as posições mantidas por ambos os autores e que, portanto, é possível fazê-las trabalhar conjuntamente. **Palavras-chaves:** E. P. Thompson; Louis Althusser; anti-humanismo; marxismo; história social.

Abstract

Thompson versus Althusser

The article analyses the guidelines of Thompson's criticism of Althusserian positions and points out how its cause has to be found in a profound misunderstanding

of what this author was stating. The article, besides, insists on the fact that, if this misunderstanding is overcome, there is no real contradiction (apart from the question of the theoretical anti-humanism) between the positions kept by both authors and as a consequence, it is possible to make them work together.

Keywords: E. P. Thompson; Louis Althusser; Marxism; anti-humanism; social history.